

**NAIR CIOCCHETI DE SOUZA**  
**PROCURADORA DE JUSTIÇA APOSENTADA**  
**INGRESSO MPSP: 31/03/1970 E SAÍDA 01/02/2001**

**APMP: Como era o MP naquela época, em 1970.**

É difícil dizer por que toda paixão que eu tenho pelo Ministério Público começou ali. Eu fiz concurso para procurador do Estado e quase que ao mesmo tempo para o MP, eu passei e cheguei até ser nomeada pela procuradora do Estado, mas aí, logo em seguida, eu fui aprovada no concurso do MP. Desde então, amo de paixão. Os anos mais importantes da minha vida. Eu tenho um débito com o MP, ele é o meu credor. Ele me proporcionou os melhores anos da minha vida onde eu me senti mais útil, mais compreensiva, mais abrangente no ponto de vista do que eu pensava e do que eu achava que era do meu interesse, por eu ser promotora de justiça. Por isso que eu digo que os 30 anos que eu trabalhei no MP.

**APMP: Quais eram os ideais da senhora na época?**

Os meus ideais eram estes mesmos. Eu advogava, mas, eu advogava em acidente de trabalho, a gente percebia que eles precisavam muito e sofriam. Por isso que eu achava que eu precisava ser útil, do ponto de vista social. O MP é um representante da sociedade. O segmento mais importante da sociedade. Aí que o dono da ética, o dono do serviço prestado para a sociedade. Nós estudamos muito isso, na época, quando veio à Constituição Federal de 1988, o que devia ter na constituição. A ação civil pública foi inventada na época. Tinha já sido cogitada por juristas, muito importantes, por sinal. Só que não estava ainda acolhida na CF, e, que dava ao MP, o dever de ofício de representar a sociedade e segmentos da sociedade, em juízo. Isso

foi uma coisa incrível para o MP, ele floresceu e continua florescendo cada vez mais.

### **APMP: A senhora foi para qual promotoria?**

Fui designada como promotora substituta em Avaré. Ai eu fui para Taquarituba e, estive o tempo todo, praticamente, acumulando a comarca de Itaporanga, já como titular. Eu trabalhava nas duas. Isso foi muito bom. Eu tinha que fazer estrada de terra, quando chovia o único que passava por lá era o fusca. Nenhum carro passava, era complicado. Telefone tinha, mas era muito precário.

Depois eu fui para Itararé, fronteira do Paraná, depois eu troquei com um colega. Fiquei uns três anos por lá. Depois fui convocada para Franco da Rocha, na segunda entrância. Eu ia visitar sempre o manicômio judiciário, no qual acabei sendo convocada para substituir um amigo lá.

Em seguida, fui para São Caetano, já na terceira entrância, por sinal, pegamos tudo o que era restolho de Fórum, todos velhíssimos, todos sendo substituídos, os novos estavam todos em construção. Na 3ª Vara de São Caetano. Ai é que eu fui promovida para a entrância especial, São Paulo. No fim fomos desaguar na Vara de Pinheiros. Uma casa alta em más condições. Mudamos umas três vezes até ter mais conforto para trabalhar. Em 1983, ainda estava em Pinheiros. E em 83 também fui promovida para procuradora de Justiça.

Como procuradora eu fui designado como procuradora para trabalhar no 2º Tribunal de Alçada Civil, que tinha competência para julgar as ações acidentárias propostas pelo acidental do trabalho e pedir indenização. Na verdade, como advogada, eu advogava para eles, eu tinha muita pena. E daí como procuradora designada para trabalhar neste setor, eu fiz o que podia e o que não podia. Lutamos para conseguir que os acidentados do trabalho pudessem

realmente recuperar a saúde e receber uma boa indenização, porque a maior parte fica inutilizado.

Ai veio a Constituição Federal de 1988, o Edis Milare, foi o decano da ação civil pública. Então, nós começamos o MP tomar a frente para ajudar este setor da sociedade que era bem esquecido. Começamos a trabalhar em ação civil pública. Procurando quais as empresas eram as geradoras de mutilados de acidentados do trabalho. Ai eu tive contato com os sindicatos, porque quem sabia melhor isso era o sindicato. Nós encontramos em Osasco, no sindicato dos metalúrgicos, eram corretos, éticos. Eles tinham um dos metalúrgicos, o Clemente, se dedicava a este aspecto, ele era um líder sindical. Ele indicava e a gente ia procurar. Eu trabalhava em conjunto com a Secretaria de Estado de Trabalho, a Federal, secretaria da Saúde, Ministério do Trabalho, tudo o que era necessário ligado ao trabalho, fazia reuniões e convocava para eles fazerem palestras pra gente, junto com o sindicato, principalmente. E quando chegava o dia todos iamos lá, na empresa fazer a inspeção, eu levava os doentes para eles verem o resultado do péssimo trabalho que tinha. Eu convidava todo este staff de entidades públicas que tinham relação com a saúde do trabalhador. Inclusive, estudamos o modo de como poderíamos interferir. Pedíamos para os médicos verificar se havia muita poeira, sílica, e ver o que estava atrapalhando o trabalhador, às vezes mutilação, produtos mutilantes, maquinários, enfim. A primeira empresa que aconteceu o nosso trabalho foi uma multinacional. O ambiente de trabalho era péssimo. Os técnicos e engenheiros do trabalho também apareciam sempre a pedido do Ministério Público. Havia muito empenho. Os sindicatos também vinham, os ligados com aquilo lá; metalúrgico, petróleo, lá em Cubatão. Em Cubatão lutamos muito. E quem é o prejudicado? O mais coitadinho. Os da cúpula não recebiam o fator agressivo que levavam a doença. As situações que aconteciam era captadas por médicos e engenheiros das secretarias e do ministério do trabalho, também, e o promotor (nós) íamos junto.

Fomos para o interior, cidades industrializadas, como Pedreira, por exemplo, cidade que tem só sílica, tem muita louça, tijolo, materiais

ruins para produzir. O Estado todo teve ações em prol dos trabalhadores. Ação civil pública passa do unitário, ele se refere a um conjunto de pessoas, uma sociedade. No fim deu tudo certo, graças a Deus e aos meus auxiliares, eu sou extremamente agradecida a eles. Nós começamos com o centro operacional que tinham só dois ou três, depois foi aumentando e chegou a meia dúzia, e a cada hora vinha um melhor do que o outro.  
Coordenadoria de Acidentes do Trabalho.

**APMP: a senhora foi uma das primeiras mulheres a entrar no MP, como foi?**

Eu tenho o maior orgulho de saber que eu ajudei a puxar as mulheres para o MP.

**APMP: Como foi o cenário político em 1988?**

Eu era procuradora de Justiça desde 1983, e, eu já estava no setor de Acidentes do Trabalho como coordenadora. Tinha que haver mais procuradores perante o Tribunal. Os procuradores que faziam trabalho junto ao Tribunal elegeram a mim como coordenadora, e foi deixado assim pelo procurador-geral. O procurador-geral da época trabalhou muito para conseguir o texto constitucional tal qual se encontra, que, aliás, nós os coordenadores ficamos muito tempo preparando o texto. O PGJ ficava a semana inteira em Brasília, ficou meses. Foi um sacrifício terrível. Foi uma luta maravilhosa, coisa linda mesmo. Congregou o MP, foi uma doutrina. E a gente estava presente.

**APMP: A senhora se preparou para a aposentadoria?**

Em 1994 eu estava como coordenadora e fui candidata ao Conselho Superior do Ministério Público, infelizmente não consegui. Fiquei magoada. Fiquei mais algum tempo e depois me aposentei. Estava cansada. Eu tinha quase 70. Eu tenho tempo de contribuição com mais de 50 anos, sempre paguei e continuo pagando. Quando notei, já estava aposentada. E daí, quem disse que eu ia me adaptar? No dia seguinte, senti falta do meu amor, o MP. Uma carência da instituição. Daí eu pedi a reversão do cargo.

Um anos depois eu estava de volta. Continuei como procuradora. Em 01/01/2001 eu estava com 69 anos, quase setenta, em meses, ai nasceu o meu primeiro neto. Como mulher, eu falei: -deixa eu curtir o meu netinho. O meu filho é o Motauri Ciocchetti de Souza. Ele fez concurso e entrou em 1988.

### **APMP: A senhora se inspirou em algum familiar para ser promotora**

Não, não. Os meus avós eram imigrantes, vieram no século XIX. Eu não canso de dizer, alguma coisa me puxava. Eu, para fazer o ginásio tive que ir para Jaú, porque Bocaína é uma cidade muito pequenininha. Assim mesmo tem duas promotoras. Difícil ter duas promotoras, naquela época, inclusive. Então, a cidade tinha 5mil habitantes, não tinha ginásio, eu fui para Jaú, em colégio de freiras. Eu fiz o científico, adoro física, adoro matemática, sempre fui boa aluna, mesmo. Então eu queria fazer engenharia ou didática para professor da USP, tinha que ser USP. Eu vim sozinha para SP, com uma amiga que tinha irmãs aqui, uma delas era oficial de justiça. Eu não sabia atravessar a rua aqui em SP, conhecia muito pouco. Só tinha vindo aqui uma vez com um tio que assistir uma ópera italiana. Eu tinha 21 anos incompletos. Ficamos no pensionato de moças. Eu tinha que fazer uma coisa, arranjar emprego. E naquele tempo emprego para mulher era ser professora. E, eu fiz científico, contabilidade, normal. Eu lia demais. Eu tinha um nível de cultura que era difícil naquela época. Graças a isso eu arrumei um emprego. Fui parar no Instituto Universal Brasileiro. Foi uma maravilha. Eu podia trabalhar fora e ganhar o meu dinheiro, além de utilizar o meu conhecimento ali. Eu fiquei durante 10 anos. E, eu precisava entrar na faculdade tão logo possível. Ai eu fui fazer o cursinho dos Castelões. Sabe por que? Eu disse: -não posso fazer engenharia, nem filosofia, tem que ser USP, pagar eu não posso. Na USP não era pago e tinha dois turnos: manhã e a noite. Os que podiam trabalhavam de manhã, os que não podiam trabalhavam a noite. Deus sabe o que faz. Você pode entrar num ramo que não apreço que seja aquele que a gente gosta, mas, através deste ramo você pode ser mais útil para a sociedade, você pode ajudar mais

seres humanos. Acho que sempre tem o dedo de Deus. Simplesmente eu não podia pagar a faculdade e só podia fazer a noite, e só podia estudar na USP. E entrei na primeira vez. O Castelões eu fiz um pouco porque eu tinha estudado o latim. Eu tinha estudado no ginásio, colégio de freiras e tinha inglês, Frances, latin e português. Mas o latin não era suficiente porque a faculdade era muito puxada. Foi um vestibular duro, mas passei. Estudei na São Francisco e tenho muito orgulho de dizer.

### **APMP: uma mensagem para quem esta chegando hoje**

Eu espero desses jovens que vem vindo agora que nunca se esqueçam que, primeiro, é um privilégio fazer parte do corpo do MP, é um privilégio e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade imensa. O MP é uma das instituições mais éticas deste país voltada para o interesse social e das pessoas que precisam de apoio. E, por favor, lembrem-se sempre de que nós lutamos muito para chegar aqui. Pensem bem e estejam certo de que lá em cima Deus está vendo e Deus está protegendo esta instituição que no Brasil é uma das mais importantes, essencial. Deus os abençoe. Já por vocês entrarem é uma benção, mas vocês tem que dar de si para merecê-la.

FIM